

OPINIÃO PÚBLICA

Renúncia

Túlio Maravilha renunciou ao mandato. Vai rumo aos 1000 gols. Nós lhe daremos força. (Camila Santos, via e-mail)

Dilma tem razão

Entendo e dou razão ao jeito de a presidenta Dilma fazer faxina. Tem que ser assim, aos poucos, caso contrário ela estará de pés e mãos atados. Quero dizer que, por meio de e-mail, tomei conhecimento de que nessa herança maldita herdada está incluída uma Embaixada Brasileira em Funafuti, em Tuvulu, criada pelo seu antecessor. Segundo o e-

mail, a população do "lugarejo" não passa de 13 mil habitantes, e o mesmo está localizado entre o Oceano Pacífico, lá para as bandas da Austrália. A presidenta bem que poderia mandar os ministros demitidos cumprirem pena em regime fechado naquele local. Vale lembrar: o nome do país é Tuvulu! (Josuellina Carneiro, dona de casa, via e-mail)

Chinelinhos célebres e rebuscados



Livia Marques

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA



Simone Tuzzo

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Parcerias entre indústrias de chinelos e célebres joalherias representam, não somente, uma aliança entre marcas reconhecidas, mas um excelente exemplo de fetichismo. Simples sandálias bordadas com lascas de ouro e diamante deixam de ser simples e comuns para serem desejadas e ostentadas por um seleto grupo social. Percebível torna-se a superioridade dos valores de troca em relação aos valores de uso. Não é mais o homem determinante das relações entre os homens, mas os valores de troca que passam a definir as relações sociais em materiais.

A variável discrepante não está na sandália de oito mil reais, mas na observação nítida do antagonismo que sua célebre produção significa, principalmente em um país de diferenças como o Brasil. Tal antagonismo supera os valores sociais e econômicos, materializando-se e fundindo-se em uma única mercadoria, através de suas matérias-primas: uma sandália popular e as joias que poucos podem comprar.

O desafio lançado ao mercado publicitário é bem excêntrico e ousado, talvez, por isso, aguce o encanto e o desejo do público, extremamente específico. Primeira estratégia de mercado: transformar um produto de classe popular em acessório de moda. Discurso de primeira estratégia: se os famosos da TV usam, também quero e posso usar. Segunda estratégia de mercado: aliar exclusividade e sofisticação ao acessório. Discurso de segunda estratégia: somente eu posso usar. Resultado: desejo e ostentação.

Pela primitiva lógica de mercado, se a oferta é grande, o preço é baixo. Entretanto, se o objeto é agregado o valor de marca e o poder de sedução, que este pode gerar, o preço torna-se secundário, o anseio em adquiri-lo torna-se superior.

A minoria, detentora do poder financeiro em adquirir um chinelinho de luxo, refere-se a nata mantenedora do sistema. A realidade da desigualdade enraíza-se em nosso País. Talvez seja este o motivo



O desafio lançado ao mercado publicitário é bem excêntrico e ousado, talvez por isso aguce o encanto e o desejo do público, extremamente específico

do impreterível sucesso das sandálias customizadas com ouro. Aqueles que não podem comprá-las, as desejam, e por isso, a elas, o valor ideológico é atribuído. E nesta escolha por um chinelinho exclusivo, os que podem tê-lo passam a ter o literal poder de pisar sobre ouros e diamantes.

Mas a realidade não se limita ao Brasil. A foto que ilustra este artigo é de um par de chinelos havaianos, sendo vendido a 160 euros, em uma das vitrines da Avenue des Champs-Élysées em Paris, uma das mais glamorosas avenidas do mundo. O chinelinho especial é decorado com strass e é exibido ao lado de roupas e calçados luxuosos para um público seleto e sofisticado. Aqui o chinelinho transcende o adorno e incorpora a sofisticação do local de venda. Qualquer coisa vendida nesta avenida é chique, única, disputada por compradores do mundo inteiro.

O preço do intangível é algo subjetivo, determinado pelo desejo e pela realização de possuir aquilo que poucos podem desfrutar. Esta ideia pode ser terminantemente encantadora, mercadologicamente falando, é claro.

(Livia Marques Ferrari de Figueiredo, relações públicas, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás - UFG e editora da Revista Perfil Centro-Oeste - liviamarquesferrari@hotmail.com e Simone Tuzzo, relações públicas, doutora em Comunicação, professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Especialização e Mestrado - da Universidade Federal de Goiás - UFG - simoneltuzzo@hotmail.com)

Mais delicado do que parece



Elzi Nascimento

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA



Elzita Melo Quinta

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Há mais violência que harmonia em toda parte. Arquivos de imagens mentais primam pela agressividade. Inegável o acesso direto e constante a um banco de linguagem e formas repletas de pavor e truculência. Adultos, jovens e crianças repetem bordões e comportamentos que estão no ar, na mídia, nos costumes da atualidade. Expressões como "bala na agulha", indicando riqueza de argumentos; "detono todas", exemplificando atitudes de superação ante problemas; "manda bala!", sugerindo segurança ante o inusitado, traduzem linguagem bélica, que precisa ser repensada. Contrária a resolução de conflitos e opressões.

No site www.deolhonoestatuto.org.br, estão as estatísticas da Unesco sobre o ranking mundial da violência, que traz o Brasil no 5º lugar. Dados de 2009 apontam crescimento de 22% da violência no País num período de dez anos. Em 2009: 39.000 mortes por arma de fogo; 107 vítimas/dia; um brasileiro morto a cada 10 minutos. Não basta só desarmar. A cultura da violência que predomina no mundo requer ações conscientizadoras.

É preocupante o teor de agressividade nos entretenimentos infantis. Brinquedos, jogos, videogames, playstations, cartoons, filmes; livros que deveriam educar deixam o impacto de escolhas e atos que primam pela destruição como conquista, glória e reconhecimento. Os mais espertos, sagazes e mal-intencionados levam a melhor na história. O risco, o perigo, a ameaça surgem de forma natural, como diversão. Crianças reproduzem o que veem. Na primeira oportunidade se engalfinham com os vizinhos, colegas, irmãos, vociferando insultos enquanto se esmurram. Repetem frases de efeito que as impressionaram: "Vou te matar!"; "Vou te escalar vivo!"; "Vou te estrangular!". Se divertem... Reproduzem as imagens mentais associadas às falas assustadoras. Revivem as fortes sensações que as abalaram.

Quando há proximidade entre pais e filhos, estes comportamentos, observados de perto, no nascedouro, oferecem oportunidade para serem comentados e trabalhados. Momento de exercitar o diálogo, falar de solidariedade, ensinar como fazer amigos. Aumentar a rede de



E a cultura da violência a rondar as mentalidades. Este é o momento de novo projeto para a formação de base. Começando pelas berceuse - canções de ninar

trocas civilizadas. Interagir com respeito, construindo a paz. Mas, infelizmente, isso nem sempre acontece. Passa batido. É natural. É da época.

A saída não é proibir e muito menos omitir o que acontece. É necessário mudar o foco. Despertar para a paz, a não-violência ativa, única alternativa para a humanidade, como dizia Gandhi. Mobilizar a força da paz, a brandura, a compaixão. Novos paradigmas. Harmonia no próprio coração a estender-se entre indivíduos, famílias, grupos, povos e nações.

Imagens construtivas, linguagem social formam um vazio de possibilidades a envolver os futuros cidadãos que desde o berço são ninados com pérolas da agressividade. É a cultura da violência a rondar as mentalidades. Este é o momento de novo projeto para a formação de base. Começando pelas berceuse - canções de ninar. Ao invés do "bicho vem pegar", parodiar as antigas tradições com versos mais amenos. "Nana nenê que papai vai cuidar/ mamãe está feliz e a seu lado vai ficar...". Ou: "O cravo disse pra rosa/ não vamos brigar é nada/ a rosa deu um sorriso/ e o cravo a rodopiada...". Ainda: "Sambalele não é doente/ tá com saúde danada/ sambalele precisava de umas setenta risadas/ samba, samba, ô lê...".

Atitudes pacíficas devem permear o imaginário individual e coletivo para que as mudanças realmente aconteçam. Assunto mais delicado do que parece. (Elzi Nascimento, psicóloga clínica e escritora e Elzita Melo Quinta, pedagoga, especialista em Educação e escritora. Elas escrevem para o DM aos domingos e às sextas-feiras - iopta@iopta.com.br)

Adhemar Santillo

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

A demora da Justiça em julgar processos em que estão envolvidas pessoas, principalmente políticos, acusadas de prática de corrupção e Congresso Nacional - Senado e Câmara -, absolvendo réus confessos, por corporativismo, é indiscutivelmente estímulo à prática de corrupção. Mas o vexame que o Brasil enfrenta no momento, dentro e fora do País, com a exoneração de quatro dos cinco ministros do governo Dilma Rousseff, acusados de envolvimento por corrupção, aponta outros fatores como responsáveis por esses acontecimentos lamentáveis e comprometedores, nomeações precipitadas sem investigar minimamente a vida cívica e moral do escolhido.

Há os que argumentam que o presidente Lula, ao fazer ampla aliança para vencer as eleições com Dilma, a obrigou a aceitar os nomes que os partidos apresentaram, sem maiores questionamentos. Não há dúvida que houve irresponsabilidade de líderes partidários nesses casos, porém não houve o mínimo de rastreamento

Sem ficha limpa, ministros vão caindo

sobre a vida do futuro auxiliar por parte de quem os nomeou.

Na escolha do substituto de Pedro Novais (PMDB-MA), exonerado por denúncia de corrupção no Ministério do Turismo, o jornal *O Globo*, edição do dia 15/09, quinta-feira, notícia que a presidenta Dilma, ao confirmar que o sucessor de Novais seria do PMDB, disse a Michel Temer que exigia que fosse "ficha limpa". Sobre o mesmo assunto, o Estado de São Paulo relata que, diante dessa situação, o vice-presidente Michel Temer comunicou a presidenta, na mesma noite do dia 14, que estava livre para escolher o novo ministro dentre os 80 parlamentares que compõem a bancada do PMDB na Câmara Federal.

Fica claro que não querendo assumir a responsabilidade de indicar alguém, fazendo antes rastreamento da sua vida progressa, o PMDB devolveu a "batata quente" para a presidenta. Essa, por sua vez, não tendo como desagradar Sarney, indicou mais uma vez um aliado seu, o deputado maranhense Gastão Vieira, para substituir o demitido Pedro Novais.

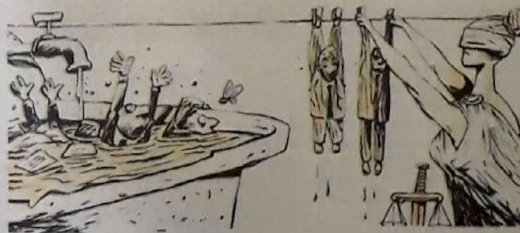
Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 16/09, Gastão, que está no seu quinto mandato

Restar saber se a alta cúpula do PT envolvida no escândalo, que está sendo julgada pelo Supremo Tribunal Federal, deixará Gastão trabalhar sossegado!

de deputado federal, foi duas vezes secretário da governadora Roseana Sarney e criticou bastante o governo Lula quanto do escândalo do mensalão. Deve ter contado ponto a seu favor a crítica feita a Lula, acusando o Executivo de ter preferido "comprar partidos", para acobertar o escândalo, ao invés de punir os responsáveis.

Isso é o máximo que se sabe da sua vida política. Resta saber se a alta cúpula do PT envolvida no escândalo, que está sendo julgada pelo Supremo Tribunal Federal, deixará Gastão trabalhar sossegado!

Visando evitar os equívocos atuais, vários projetos de lei, de origem parlamentar, têm sido propostos tanto na Câmara como no Senado, para que indicados a cargos de ministros, presidentes de empresas, autarquias e direções de órgãos públicos federais tenham a ficha limpa. Assembleias legislativas e Câmaras Municipais tam-



bém têm tentado impedir a escolha de fichas sujas, nos Estados e Municípios, via exigência legal.

Isso é mais que correto. É obrigação! Uma pessoa qualquer do povo, se vai fazer uma compra a prazo, a primeira coisa que o fornecedor investiga é se ela é correta. Se cumpre com suas obrigações, pagando suas dívidas. Se não tem seu nome como mau pagador no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Cadastrado no SPC, não tem crédito. Se o trabalhador busca um emprego, tem que apresentar atestado de bons antecedentes firmado pela firma ou patrão anterior. São exigências naturais e das quais ninguém foge. Por que não se exigir atestado de boa conduta, ficha limpa, de quem vai administrar dinheiro público?

Dizem que investigar a vida do indivíduo lhe causa constrangimento! Constrangimento maior é ter que exonerar alguém, algum tempo depois, pela sua vida progressa ter sido descoberta e denunciada pela imprensa. Proteger alguém que não zelou pelo seu nome, que insiste em ocupar uma função pública, é insensatez.

Examinar a vida ética e moral de uma pessoa diante do que estamos assistindo é tão ou mais importante que ter competência para ocupar ministério ou qualquer outra função pública. Lamentável, mas é! (Adhemar Santillo foi fundador do MDB, deputado estadual, três vezes federal, duas vezes prefeito de Anápolis e secretário estadual de Educação. E-mail: adhemar@santillo.com)